

O complexo Denorex

José Neumanne Pinto

O Brasil é um país jovem e não foi possível ainda reunir uma herança cultural capaz de forjar, sozinha, nosso universo de símbolos e tradições. Talvez seja esta a explicação mais simples para o fato de, cada vez mais, algumas campanhas publicitárias se transformarem em verdadeiros protótipos do comportamento da sociedade e, principalmente, das elites dirigentes brasileiras. Foi o caso daquela campanha de cigarros feita pelo magnífico meia-armador da seleção brasileira, o "canhotinha de ouro" Gérson de Oliveira Nunes, na qual ele aconselhava a se levar vantagem em tudo. A síndrome de Gérson tomou conta do País, invadiu a Constituinte e ganhou foros de instituição nacional.

Agora, num momento em que a síndrome de Gérson continua reinante, é preciso observar que um fenômeno paralelo ocorre: chegou a vez do complexo Denorex, aquele xampu anticaspas, que "parece, mas não é". O Brasil, onde se procura levar vantagem em tudo, é o cenário ideal para o "parece, mas não é" da campanha publicitária do xampu. Basta observar com atenção a recente e certamente inesquecível votação, em plenário da Constituinte, dos artigos que compõem a chamada Ordem Econômica e, depois, comparar com as opiniões dadas na imprensa por alguns dos atores envolvidos no drama. Infelizmente, essa comparação mostrará uma contradição fundamental entre o que aconteceu e o que apareceu.

Um observador desapassionado do plenário da Câmara dos Deputados, onde o Congresso se reúne diariamente em trabalho constituinte, não precisará de muita sagacidade para perceber que o texto nacional-populista ali produzido é resultado de um intenso lobby realizado por três setores. Do mesmo lado atuaram oficiais nacionalistas, esquerdistas renitentes opositores do antigo regime militar e a soi-disant "livre" empresa nacional. Na guerra entre o livre mercado e o cartorialismo restritivo e tacanho, este último ganhou de goleada, graças ao trabalho nem sempre apenas persuasivo dessa aliança, que o derrotado deputado Guilherme Afif Domingos (PL-SP) classifica como "o triângulo de ferro".

No entanto, aprovado o texto, garantido o cartório, a soi-disant burguesia nacional correu aos jornais e às emissoras de rádio e televisão para condenar a xenofobia militante das esquerdas que dominam o plenário da Constituinte, apontada como a grande responsável pelo atraso registrado na letra constitucional aprovada. Trata-se de mera hipocrisia e só pode ser ingênuo o deputado desolado que se indignou com o fato de um grande capitalista nacional ter telefonado, pessoalmente, para pedir seu voto nacionalista e reclamado, com palavras duras, pelos jornais, no dia seguinte, pelo mesmo voto. Afinal, esta não é a primeira nem será a última manifestação explícita do complexo Denorex no Brasil.

Não é verdade que a esquerda domine o trabalho constituinte. Num debate realizado semana passada em Brasília, pelos jornais *O Estado de S. Paulo* e *O Globo*, o pernambucano Roberto Freire, líder da bancada do Partido Comunista Brasileiro na Constituinte, reconheceu explicitamente que as esquerdas perderam as eleições, mas conseguiram sobrepujar o que ele chama de "setores conservadores e reacionários", mercê de um competente trabalho de articulação política no plenário. "Perdemos as eleições, mas ganhamos a Constituinte", resumiu, em outras palavras, o deputado.

A constatação de Freire seria brilhante se não fosse incompleta. Na verdade, o centro moderado ganhou, esmagadoramente, as eleições de 1986, mas não teve competência suficiente para representar a maioria, que lhe conferiu a sociedade brasileira, no trabalho legislativo. A esquerda e a direita está definida pelo deputado comunista como "setores conservadores e reacionários", perderam, como sempre

acontece. Só que se articularam melhor e estão conseguindo impor suas reivindicações e idéias sobre o centro desorganizado e sem lideranças capazes de fazer render seu trabalho constituinte. Não é uma verdade absoluta que a esquerda tenha vencido a batalha no plenário. Trata-se de uma meia-mentira, pois essa vitória só está sendo possível graças a pactos espúrios firmados com a burguesia nacional, interessada na manutenção de seus privilégios e com os militares nacionalistas, apesar de as feridas da ditadura ainda não terem sido devidamente pensadas até por falta de tempo.

Interpretar a imposição do nacionalismo cartorial à letra constitucional como uma vitória exclusiva da esquerda é ter uma visão torta do que realmente acontece em Brasília. O que vence em Brasília é o status quo de um país dominado pelo complexo Denorex, que parece incurável. Até porque, no reino do "parece, mas não é" — no qual os surdos comandam —, quem tem um ouvido é rei ou se marginaliza. Pouquíssimos comunistas brasileiros prestaram atenção às palavras de um correligionário deles, o deputado italiano Giorgio Napolitano, que fez uma palestra no Instituto de Estudos Avançados da USP, justamente no momento da votação do capítulo da Ordem Econômica no plenário da Câmara dos Deputados.

Membro de um respeitável clube, do qual já foi sócio um pensador do quilate de Gramsci, e companheiro de jornada de um político articulado como Enrico Berlinguer, o parlamentar comunista italiano trouxe ao Brasil uma nova visão da esquerda européia. Isso assustou suas platéias acadêmicas, a ponto de o jornalista Mino Carta se sentir obrigado a explicar que o pensamento dele não é conservador, para justificar a publicação de uma longa e lúcida entrevista de Napolitano à revista *Senhor*. Na entrevista, como já havia feito na USP, Napolitano disse considerar inevitável a internacionalização da economia e classificou o nacionalismo como um meio inadequado de evitar que, em tal processo de internacionalização, uma sociedade se deixe colonizar por outra.

Não foi à toa que o mesmo deputado deixou claro à sua platéia acadêmica que hoje o Partido Comunista Italiano (PCI) está muito mais próximo das sociais-democracias européias do que dos envelhecidos e praticamente falidos sobreviventes do internacionalismo socialista da era pós-Stalin. Infelizmente a esquerda brasileira ainda não tornou um banho civilizatório em praias do Mediterrâneo e do Adriático e continua batendo às portas dos quartéis e recorrendo aos cofres das empresas ditas nacionais para garantir, na cômoda falácia do discurso populista, a realização de sua velha ilusão nacionalista, de cujos efeitos perversos o mundo inteiro está fugindo.

O deputado Napolitano se assustaria se soubesse que a Constituição deste jovem país está sendo escrita nos moldes apertados de um mundo em que, para levar vantagem em tudo, todos procuram parecer o que, na verdade, não são. Por causa desse tipo de comportamento suicida, a Constituinte está elaborando um texto que se limita a consagrar velhos valores apodrecidos, como a síndrome de Gérson e o complexo Denorex. Isso garante seu êxito imediato por consolidar o já estabelecido, mas também não deixa dúvidas quanto ao fato inelutável de que a sociedade, para a construção de uma nova sociedade, será necessário escrever um novo texto com ela comprometido. O atual, da forma que está, mais parece o testamento de um velho mundo moribundo, e não o contrato para o estabelecimento de um novo, nascituro.

José Neumanne Pinto é editor de Política da Tarde